

PRÁTICAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Educação popular em pauta uma história de resistência

Sofia Caroline Moraes Signorelli ^{1*}
Alberto Lopo Montalvão Neto ²
Maria Laura Arantes Bessa Ferreira ³
Yuri Andrews Feitoza da Silva ⁴

¹ Faculdade de Engenharia Química, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: sofia.cms@gmail.com

² Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: montalvaalberto@gmail.com

³ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: marialaurabess@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Pampa, Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: yuriandrewsfsilva@gmail.com

*autor correspondente

RESUMO

Historicamente, diversos movimentos sociais buscaram combater as formas de opressão vivenciadas pelas camadas populares da sociedade. No presente trabalho, refletimos sobre a história de um cursinho popular localizado na cidade de Campinas, intitulado *Liberte-se!*, apresentando-o como uma organização de militância e como uma extensão universitária articulada à luta por uma educação dialógica e crítica, classificando-o, inclusive, como um desses movimentos. Desse modo, fundamentados em pressupostos educacionais que se voltam para uma perspectiva crítico-transformadora, refletimos sobre a educação popular, pensando em desafios e possibilidades a partir de nossa própria história. Por conseguinte, as reflexões nos levam a apontar que o *Liberte-se!* configura-se como um exemplo de possibilidade de transformação de sujeitos e de realidades sociais que emergem em meio aos recentes movimentos estudantis. Outrossim, essa mistura de sujeitos e de histórias nos indica a necessidade de que sejam consolidadas práticas que possibilitem uma educação democrática e libertadora.

PALAVRAS-CHAVE

Educação libertadora; Educação popular; Cursinho popular; Práticas de resistência.

Popular Education on the Agenda a history of resistance

ABSTRACT

Over the years, various social movements have sought to combat the forms of oppression experienced by the less privileged segments in society. In this paper, we reflect on the history of a course focused on teaching the underprivileged in the city of Campinas, *Liberte-se!*, presenting it as an organization of militancy and university extension that strives for a dialog based and critical thinking education. Based on educational assumptions that turn to a critical-transforming perspective, we reflect on popular education, thinking about its challenges and possibilities based on our own history. Our reflections lead us to point out that *Liberte-se!* is configured as an example of transforming possibilities to subjects and the social realities that emerge during the recent student movements. This intermingling of subjects and stories indicates the need for consolidated practices that enable a democratic and liberating education.

KEYWORDS

Liberating education; Popular education; Popular prep school; Resistance practices.

Submetido em: 05/03/2021 – Aprovado em: 22/06/2021 – Publicado em: 27/06/2021

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, devido à globalização e ao capitalismo, escancararam-se as faces mais perversas de uma sociedade que se estruturou histórica e culturalmente na perpetuação de desigualdades. Nesse contexto, as diferentes formas de opressão, advindas de longos processos históricos, foram mantidas e reorganizadas na atualidade, assumindo configurações preocupantes. Obras como *História da Loucura* (1978), *Microfísica do Poder* (1979), *Vigiar e Punir* (1987) buscam compreender essas relações, ao descrever mecanismos que nos constituem enquanto sujeitos – a partir de relações históricas de poder – que culminam em uma sociedade de controle que visa “‘adestrar’ o indivíduo para retirar e se apropriar dele ainda mais e melhor” (SANTOS; WERMUTH, 2016, p. 406). Por conseguinte, a partir da preocupação com as nuances do poder, distintas ações abrem caminhos que vão ao encontro de (e de encontro às) suas estruturas opressoras. Uma delas está articulada ao conceito de educação libertadora, voltada ao povo, que se caracteriza como uma forma de educação popular.

Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987) é a coroação dessa forma singular de direcionar a educação, pois coloca no centro o pensar sobre as vivências da opressão e dos oprimidos. Assim, a obra de Freire (1987) traz a necessidade de uma pedagogia construtivista pautada na dialogicidade e na denúncia do interesse histórico, por parte dos dominadores, de limitar as possibilidades de livre pensamento das massas. Nesse processo, não apenas interessa àqueles que detêm o poder a castração das consciências oprimidas, mas, também, a construção de um imaginário acerca da suposta neutralidade do papel do opressor. Nesse contexto, Freire aponta que, por trás da construção de uma educação acrítica e autoritária e do combate à construção de uma educação popular, há um perverso propósito (FREIRE, 1987).

Ao pensar na resistência aos poderes historicamente instituídos, dos quais resultam as desigualdades sociais, Brandão (1986) aponta a educação popular como uma necessidade diante das ações coercitivas dos dominadores que se impõem, também, por meio do uso da maquinaria estatal. Ao buscar dar voz aos grupos socialmente excluídos, como apontado por Brandão (1986, p. 42), “a educação popular emerge como um movimento de trabalho político com as classes populares através da educação”, não se pretendendo, portanto, uma educação compensatória, nem o enquadramento dos sujeitos em padrões arbitrários de formalidade. Compreende-se, então, que a educação popular busca “a organização do trabalho político que, passo a passo, abra caminho para a conquista de sua liberdade e de seus direitos” (VASCONCELOS, 2004, p. 71).

A partir do entendimento do caráter político e ideológico da educação popular, neste trabalho caracterizamos algumas questões sobre a história e os modos de atuação de um coletivo localizado na cidade de Campinas, no interior de São Paulo – o *Cursinho Popular Liberte-se!* – que parte dos mesmos

ideais, surge e se coloca em funcionamento como uma forma de resistência por meio da democratização da educação, construindo-se em um processo colaborativo educadores-estudantes. Nesse sentido, objetivamos refletir, a partir da história do cursinho, sobre a importância de uma educação popular construída por meio de relações dialógicas.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

De cunho qualitativo, caracterizamos o presente relato como uma pesquisa-participante, visto que ele ocorre a partir da “participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada, [...] técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo” (GIL, 2008, p. 103). Assim o consideramos porque os autores deste texto são parte integrante da comunidade estudada, visto que, como professores, participamos ativamente dessa construção coletiva e dialógica. Em um movimento analítico descritivo-interpretativo, filiamos-nos a teóricos da educação popular, com destaque à perspectiva freireana (FREIRE, 1987, FREIRE; NOGUEIRA, 1989).

3 O CURSINHO POPULAR *LIBERTE-SE!*

3.1 Histórico, ações e ideais

O *Liberte-se!* nasceu em Campinas, no estado de São Paulo, em 2017, a partir do olhar de um grupo de jovens para a realidade social de dominação, opressão e exclusão existente na sociedade, que levou à necessidade da construção de uma forma de atuação política, coletiva e libertadora. Esse grupo de jovens atuava como um coletivo do movimento estudantil do interior do Estado de São Paulo, denominado *Coletivo Enfrente! Juventude em Movimento*, nas instâncias estudantis de universidades, entre elas a Unicamp, e – através de outros coletivos auto-organizados, como de mulheres, de negritudes e de LGBTQIA+s – promovendo diálogos e eventos culturais que foram centrais no debate político da universidade durante os seus anos de atuação.

Desse modo, surgiu a ideia da criação de um cursinho popular que cumprisse os seguintes papéis: a) de militância estudantil, por meio do estabelecimento de diálogos com jovens secundaristas de Campinas e do estímulo ao seu engajamento em questões sociais relevantes para a cidade; b) de formação, que forneça acesso a distintos conhecimentos e a conteúdos associados ou independentes do currículo escolar; c) de popularização da educação, mirando impactar o perfil dos ingressantes do ensino superior público, com a perspectiva de que, após ingressar, cada estudante também pudesse compor esse ciclo de solidariedade e de militância e contribuísse para mudar a estrutura da universidade; d) de formação política dos próprios educadores envolvidos no projeto.

Vale destacar que experiências como a construção da *Escola Nacional Florestan Fernandes* (PIZETTA,

2007) foram fonte de inspiração e proporcionam um exemplo prático de trabalho militante que se apoia no processo de aprendizagem. Assim, foram consideradas as múltiplas potencialidades da obra voluntária, entendida como uma possibilidade de aprendizado de uma nova forma de consciência social, na qual a solidariedade é parte significativa (PIZETTA, 2007). Ao mesmo tempo, considerou-se que essas ações têm o potencial de beneficiar muitos jovens, a partir da mudança em suas histórias de vida, principalmente, ao abrirem-se margens para a vivência de um processo de aprendizagem distinto dos moldes hegemônicos, em uma perspectiva que tem como foco a autonomia e o protagonismo dos estudantes.

3.2 Extensão como forma de resistência

No decorrer dos anos, a construção do *Liberte-se!* foi – e permanece sendo – coletiva. Desse modo, não se pode afirmar que elementos como a forma, a organização e o modo de funcionamento se estagnaram em algum momento. Há uma constante mudança a partir do que é colocado pelos discentes e docentes.

Em seu período de existência, diversos professores, de diferentes formações e vivências, passaram pelo projeto. Há uma grande diversidade de educadores envolvidos, que vai desde estudantes de graduação até doutores. Esses docentes se filiam a diferentes áreas do conhecimento, advindos de cursos como engenharia, química, biologia, matemática, pedagogia, geografia, história, ciências sociais, entre outros. Além disso, no momento, o *Liberte-se!* conta com 3 bolsistas que possuem a “Bolsa Auxílio Social”, a qual é ofertada pela Unicamp a pessoas classificadas como discentes de baixa renda (**Projeto - Liberte-se: formação de professores na educação popular; orientador: Reginaldo A. do N, matrícula: 298226**).

Desde o seu surgimento, em 2017, o *Liberte-se!* manteve a sua sede localizada em duas escolas que ficam na região central de Campinas: a Escola Estadual Francisco Glicério (2017-2018) e a Escola Estadual Carlos Gomes (2019 até o momento), e, em ambas, foram destinadas 50% das vagas aos estudantes das próprias instituições. A escolha por escolas que se localizam na região central da cidade visa garantir a facilidade de acesso a jovens das mais variadas localidades possíveis, tanto centrais quanto periféricas. Isso se torna importante à medida que há uma segregação socioespacial nos centros urbanos, que provém das relações entre capital e trabalho e faz com que as pessoas acessem, de forma desigual, as políticas públicas, a depender de sua renda e do local que habitam (SURIANO; RESCHILIAN, 2012).

Ao seguir os pressupostos de dialogicidade (FREIRE, 1987), a estrutura organizacional do *Liberte-se!* é horizontal e perpassa pelas decisões dos próprios estudantes. Os educadores organizam-se entre si e realizam reuniões de estudo e debates acerca de temas relacionados à educação popular, além de temáticas consideradas necessárias frente às opressões da sociedade contemporânea, tais como: as relações patriarcais, homofóbicas, transfóbicas e sexistas, além do assédio sexual e da violência contra a mulher. Também são abordados a conjuntura da educação e da política brasileira, entre outros temas que emergem de acordo com as demandas dos participantes.

Entre os educadores, também são realizadas reuniões que buscam a troca de experiências em sala de

aula, sendo que alguns encontros contam com a presença de pedagogas e profissionais da educação e de outras áreas – como psicologia – a fim de sanar dúvidas sobre possíveis estratégias de ensino que atendam às demandas emergentes. Vale ressaltar que, de 2017 a 2020, o *Liberte-se!* recebeu jovens e adultos entre 17 e 50 anos advindos de 50 escolas estaduais diferentes, principalmente da região metropolitana de Campinas, do sistema de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e pessoas que terminaram o Ensino Médio via ENEM. Por isso, parte considerável dos ingressantes no início de cada ano tem que lidar com deficits e lacunas, oriundos de sua formação escolar, sendo que alguns possuem dificuldades acentuadas no âmbito da leitura e da interpretação de textos e de noções básicas de matemática. Dessa forma, reuniões entre os docentes se tornam necessárias com relativa frequência, inclusive para a troca de informações e de experiências entre sujeitos dos cursos de licenciatura e outros com formações diversas.

É importante assinalar que se busca, também, criar canais de diálogo com os educandos e com as educandas para englobar a ampla diversidade de estudantes que o projeto atende. Assim, busca-se construir um espaço seguro para serem consideradas suas dificuldades e suas necessidades. Esses diálogos ocorrem no cotidiano do cursinho e em assembleias gerais, nas quais podem ser, por exemplo, debatidos e apresentados apontamentos sobre a organização, práticas pedagógicas e outras demandas que considerem importantes, bem como sugeridas atividades extracurriculares e pautas de mobilização. É importante assinalar que houve assembleias que resultaram em redirecionamentos e transformações do projeto, como no caso de uma que ocorreu em março de 2020, na qual um número considerável de alunos e alunas expressou problemas com sua saúde mental, especialmente no momento atípico que caracterizou o início da pandemia da Covid-19, e uma equipe de psicólogas foi, então, convidada a se unir ao projeto, passando a atuar em atendimentos em grupo ou individuais.

As tentativas de construção de processos de resistência pelo *Liberte-se!*, por fim, também se expressam nas redes sociais. As páginas do cursinho são utilizadas para promover campanhas de fotos, publicação de notas, *lives* com debates, entre outras ações, de modo a se contrapor aos discursos hegemônicos e às opressões sociais que emergem – especialmente agora – diante das ações do atual governo. Um exemplo disso foi o apoio à campanha #AdiaEnem, que ocorreu em meio às adversidades postas em relação à realização da prova no ano de 2020, pois, devido ao contexto pandêmico, os estudantes não tiveram condições equânimes de preparação e de realização do exame por conta da crise – na qual a desigualdade em lugares marginalizados ficou ainda mais abissal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, refletimos sobre as ações e a história de um cursinho popular que busca, a partir de relações e práticas dialógicas, estabelecer modos de resistência às opressões sociais. Nossa história converge com o posicionamento político e ideológico dos movimentos de militância que visam uma educação democrática e transformadora.

Por meio deste relato, pudemos expor que o *Liberte-se!* não apenas tem oportunizado o acesso aos vestibulares – e, conseqüentemente, às universidades – como também forma (e informa) cidadãos. Na voz de uma de nossas ex-educandas – que atuou também como professora no projeto – o *Liberte-se!* busca, acima de tudo, uma formação para (olhar para) a vida. Essas aprendizagens não são apenas dos estudantes, como também dos próprios educadores, que formam (e se formam) em meio às relações horizontais de diálogo e de construção crítica de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. (1986). *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense.
- FOUCAULT, M. (1987). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. (Lígia Vassalo, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- FOUCAULT, M. (1979). *Microfísica do poder*. (Roberto Machado, Trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FOUCAULT, M. (1978). *História da loucura na idade clássica*. (José Teixeira, Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- FREIRE, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. (17a ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. S. (1989). *Que fazer: Teoria e Prática em educação popular*. (4a ed.) Petrópolis: Vozes.
- GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- PIZETTA, A. M. J. (2007). A construção da Escola Nacional Florestan Fernandes: um processo de formação efetivo e emancipatório. *Libertas*, 7(1), 24-47.
- SANTOS, A. L. C.; WERMUTH, M. A. D. (2016). Michel Foucault e a arquitetura do poder: da sociedade disciplinar e biopolítica. *Quaestio Iuris*, 9 (1), 405-424.
- SURIANO, A. L. C.; RESCHILIAN, P. R. (2012). Urbanização, habitação e segregação socioespacial. *Revista Univap*, 18 (32), 190-202.
- VASCONCELOS, E. M. (2004). Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, 14(1), 67-83.

Artigo submetido ao sistema de similaridade